

FRANÇOIS, DESENHADOR REPENTISTA



À noite, visto á luz da ribalta, envolto nas roupas d'aquella grotesca borjaca de clown, é um artista de muita graça e de muito talento: de dia, observado á luz do sol, abotoado na sua casaca irreprehensivel, afigura-se-nos um diplomata de finissimo trato. E, afinal, é ambas as coisas: um cavalheiro distincto e um artista consummado.

A amabilidade com que todas as noites nos pinta em publico no palco do Coliseu impõe-nos o dever, agradável de cumprir, de o pintarmos tambem para o publico nas paginas do *Antonio Maria*.

Tenha paciencia e fique sabendo que em Portugal o amor com amor se paga.



A morte arrebatou ha dias um dos membros da imprensa, essa grande familia em que todos bulham e dissidem e se molestam, quando afinal, bem no intimo mutuamente se estimam e consideram...

Chamava-se Gastão da Fonseca, esse desditoso rapaz, tão modesto como valioso, que ainda ha bem curto tempo lidava ao lado de todos vós n'esta faina continua que, em qualquer dos campos, tem uma unica significação: — a pugna pelo progresso.

Lastimando o prematuro desaparecimento d'aquella intelligencia clara, o *Antonio Maria* associa-se commovido ao brado de toda a imprensa, que chora n'este momento a perda de Gastão da Fonseca.



ALFREDO DE PAÇÔ-VIEIRA



A certidão de idade diz-nos que é uma creança, mas as certidões da sua formatura em Coimbra dão-lhe foros de adiantada virilidade. Quem lhe attentar no bigodinho loiro e apenas esboçado, chama-lhe um rapaz: quem lhe escutar a palavra eloquente e auctorizada, julga-o-ha um velbo juriconsulto.

Alfredo de Paçô-Vieira é um distinctissimo advogado que começa por onde nem todos teem conseguido acabar.

CHRONICA PORTUENSE

IR DESCANÇAR

Uma das exigencias da moda, patrocinada pela medicina elegante, consiste em *veranear*, ir por esses campos, ou por esses areaes, como um arabe ou como um pegureiro, enterrar-se nos caramujos até ao tornozello ou espapaçar o ventre nas paizagens verdes, monotonamente verdes, das campinas. A sciencia do nosso seculo vae seguindo caminho bem diverso d'aquelle que os philosophos, astrologos, magicos e alchymistas seguiam atravez as carochas medievaes. Como o sabio era um intolerante, um velho, um homem sujo, um cabelludo, um barbado, guerreando a sociedade em nome das suas ideias, quando as tinha, a sociedade desprezava-o, aborrecia-o, e de quando em quando, para o chamuscar, levava-o ás fogueiras, assando-lhe os intestinos no tacho do ventre. Entre as obras gigantescas, oriundas da revolução franceza, temos a contar esta confraternisação da sciencia com a sociedade. Ha duzentos ou trezentos annos, se uma mulher formosa tivesse a miudo sobreexcitações nervosas, e a proposito de delicadas coisas espirituas começasse a bater no ar com as palminhas côr de rosa, e no chão com os sapatinhos bordados a matiz, a sciencia, a magistratura, a religião, todas as coisas graves que constituíam os pilares da civilisação antiga, declararíam sem rebufos, que a dama tinha o diabo no corpo, e que era necessario extrahir-lh'o pelo processo com que se fazem saltar os pinhões dos alveolos das pinhas. E veja-se agora! Ha até medicos especialistas para doenças das mulheres, que mais precisam de saber tocar guitarra, nas horas mortas da noite, do que applicarem ás tenras costellas das donzellas as classicas ventosas da medicina feroz. Depois os requintes da civilisação crearam uma tal variedade de doenças metaphysicas, que o medico, depois de esgotar todos os brevíarios carunchosos da antiguidade, viu-se obrigado a fabricar albuns de chromos capitosos, acompanhados d'um texto a rivalisar com as *mayonnaises* poeticas do Lafontaine. *Veranear* é um dos artigos mais primorosos d'essa graciosa sciencia que tem por intuito final acalmar os nervos das senhoras, e fazer correr os productos mais leves e transparentes das lojas de confeções. Ah! por principios de maio, quando começam a florir os pecegueiros e a cantar os rouxinoes dos salgueiraes, as nossas gentilezas entram a enfastiar-se horriavelmente da preduração do inverno, das pellucias, dos theatros, das *soirées* sob o arminho, das carruagens hermeticamente fechadas, onde batargas d'agua ferem o rataplan do norte. A natureza acorda para as gargalhadas das papoulas, e o coração da mulher, cansado de viver em estufa, tem uns desejos de voar por esses prados a fóra com uma loucura, com uma peccadite semelhante ao estonteamento d'uma rôla que bebeu champagne.

Então acode o bondoso medico, um elegante de monoculo e luvas claras que aconselha á paternidade marital uma villegiatura de alguns mezes em qualquer das praias e estações balneares mais concorridas.

Com a repetição d'estes amigaveis conselhos, o espirito burguez, todo pratico, via-se na necessidade de crear tambem para si um pretexto masculino. Porque a vida pratica, bem como a sciencia, nas suas transigencias com a galanteria dão-se sempre as apparencias de quem opéra em virtude de razões de primeira ordem e não por suggestões do chic, que, intimamente, profundamente detestam.

O banqueiro, o negociante, o funcionario, o troca-tintas, durante os mezes em que as suas delicadas esposas carecem de beber o ar forte dos campos e de refrescar os membros nas aguas stypticas do oceano, resolveram *ir des-*

cançar. Vão para a Foz, para Leça, para a Granja, para Vizella, para as Taypas descançar. A mulher procura as suas rendas, os seus linhos as suas fitas, toda a nuvem das coisas boas, os sapatinhos claros, a sombrinha de vareta de canna, a sua collecção de leques, e o pobre diabo do marido amontôa para uns carrões puchados a bois tudo quanto ha disponível em casa, velhos trastes, leitos incommodos, maus trastes, maus garfos, detestaveis facas, roupa que a possa estragar. A casinhola da praia ou do campo é horrivel, para ser economica. Tem mau cheiro, falta d'ar, é insufficiente, embirrenta, cheia de nodoas, crivada de ratos, e o barulho das vagas, ou a palestra nocturna dos cães de quinta e dos gallos e mais moradores da capoeira nem ao menos permitem um repouso sufficiente lá para a madrugada. Depois as *soirées* nos clubs fazem suar o pobre homem. Nota que a sua esposa é talvez um pouquinho mais amavel do que o permite a decencia. Sonha coisas negras e duras. Os negocios na sua ausencia, atrapalham-se Os caixeiros mettem-lhe costureiras dentro da loja! Durante todo o tempo em que a deliciosa esposa anda em bellas partidas de campo, o marido soffre toda a serie de incommodos, desgostos e de *partidas* que se podem applicar ao mais malaventurado dos mortaes.

Pois, meus senhores. estamos na época em que o Porto se despovôa; os seus habitantes vão para as praias, *des-cançar*.

JOÃO TRIGO.



A FESTA TAUROMACHICA DE MANUEL MOURISCA



A chuchar triste no dedo
Com certeza hoje se arrisca
Quem não fôr cedo e bem cedo
P'ra a toirada do Mourisca.

Toda a gente, velha e nova,
A festa encarece e gaba!
— Vae ficar a praça á prova
Se a trincheira não desaba...

Sem ir áquella festança
Isso lá é que eu não fico,
Venda embora a grande herança
Do meu tio de Celorico!

Os manos Robertos, loiros,
E o Peixinho denodado,
Picam, alem d'outros toiros,
Um toiro desembolado!

Uma festa em nada chôcha,
Que será cumprida á risca;
Uma festa *toda coxa*,
— Como o coxo do Mourisca.

PAN.

RECORDAÇÕES DAS CALDAS



Pimentel, o tal, a quem o *Antonio Maria* teria muito prazer em immortalisar se *elle* se não immortalisára já a si proprio; Pimentel tem uma aspiração unica, um sonho doirado só, um desejo ardentissimo apenas: dar ao estabelecimento das Caldas o aspecto positivo d'um hospital, impondo o barretinho branco a todos os banhistas — e com fundo pesar de não poder fazer o mesmo áquelles que o não são.



E aqui está porque o sr. D. Fernando e o sr. D. Augusto se deportaram voluntariamente este anno para as Pedras Salgadas, de preferencia a supportarem o barretinho de algodão com que Pimentel o tyranno lhes queria ornamentar as regias cabeças!



Duas summidades de Obidos.

O ANTONIO MARIA

MANUEL FERNANDES THOMAZ
O INICIADOR DA REVOLUÇÃO DE 1820



•Olhemos o que a propósito d'esse vulto collossal, escreve no *Pittarcho portuguez* o nosso estimavel collega Teixeira Bastos :

Manuel Fernandes Thomaz, o patriota da liberdade portugueza, o rei da revolução de 1820, como ingenuamente lhe chamava o povo, é um dos vultos mais sympathicos e notaveis que tem presido ás transformações politicas e sociaes da nossa nacionalidade. Elle, encarnou em si uma época, synthetizou um periodo memoravel da historia patria, representou uma aspiração generosa e bella de um povo vilipendiado, d'uma nação escravizada, morta, que necessita respirar o ar puro e vivificador da liberdade ; e no entanto o seu nome foi esquecido e a lembrança da sua obra apagou-se inteiramente da memoria das gerações que lhe succederam. E porque os esforços sinceros do patriota não foram comprehendidos, nem a sua voz austera encontrou ecco na consciencia adormecida da multidão, n'essa consciencia embotada por mais de dois seculos de regimen inquisitorial e despótico.

A grande festa civil que a cidade de Lisboa realisa no proximo domingo 24 de agosto, em homenagem á memoria do alevantado patriota Manoel Fernandes Thomaz, vem, felizmente para nós, desmentir a ultima parte do bello periodo que acabamos de transcrever, e cujo anchor será, bem o sabemos, o primeiro a felicitar-se por isso.

Esse cortejo democratico demonstrará que a voz do trabalhador heroico encontra afinal um eco nas consciencias devotadamente sinceras, e que a lembrança da sua obra, longe de se apagar de todo na memoria do povo, se projecta brandamente em clara luz, de que um dia, talvez, reberntará o facto vivissimo que ha de illuminar as gerações futuras !

Versos que nos foram offerecidos no momento da partida :

ADEUS

Tu vaes deixar-nos sem talvez que o pranto
D'um olho ao canto te desponte morno !
Tu vaes deixar-nos co'o Medeiros Lima,
—Inda por cima, p'ra maior transtorno !

Tu vaes deixar-nos com o tal Medeiros,
Dias inteiros n'um viver ensosso !
—Ó quando elle abre a bocca enorme e tosca
Ou lhe entra mosca, ou sae-lhe dito grosso...

Adeus ! Bordallo, *Pimentelicida* !
Que triste vida que eu vou ter aqui,
A ver á noite syrilentás danças
E contradanças como eu nunca vi !

Caldas da Rainha.

NULLIUS.



A SEMANA

Por esta quadra adiante, o chronista tem muitos pontos de contacto com o professor de instrucção primaria.

Este, implora de porta em porta o peculio imprescindivel para condimentar o tacho da assorda ; aquelle, mendiga de folha em folha o assumpto indispensavel para encher dez quartos de papel.

Mas quem diz lá que as folhas attendam as supplicas do pedinte...

O proprio *Diario de Noticias*, que é a rua de S. Bento da mendicidade litteraria ; aquella rua que bem choradinha e espremidinha rende pelo menos um cruzado novo — o que, no caso sujeito, significa um bom punhado de noticias interessantes ; o *Diario de Noticias*, diziamos, faz ouvidos de mercador aos nossos rogos, e não ha apanhar-lhe quatro linhas de esmola d'um acontecimento de vulto !

Cholera e mais cholera e

—Deus o favoreça, irmãosinho !...

Desespérados da politica e do noticiario, miseraveis que não dão nem para mattar uma sede de agua, fomos bater ás casas ricas dos espectaculos.

Todas fechadas, excepto a do Coliseu, cujas portas o Freitas Brito acaba de nos abrir philanthropicamente, offer-tando-nos lá dentro o mais opiparo dos banquetes, cujo menu passamos a descrever :

Mr. Poole, jongleur equilibrista



— Entre outros trabalhos apresenta a novidade de fazer dansar sobre uma mesa um appparelho completo de jantar, desde a terrina até aos pratinhos das azeitonas. Os ensaios para aquelles exercicios devem custar-lhe uma boa somma de cacos e por isso o acatamos como um dos primeiros consumidores da nova empresa ceramica das Caldas da Rainha.

Harlow, os excentricos burlescos



— São apenas dois, mas parecem cinco. Este espectáculo é inteiramente novo nos bastidores do theatro ; mas, nos da politica, temol-o ha muito tempo e porventura mais aperfeiçoado. Lembra-nos a proposito o que nos disse uma vez o Rangel de Lima :



— Almocei hontem com o deputado Augusto, lanchei com o major Cezar, jantei com o reverificador Ferreira e ceei com o Mesquita da bulla da crusada. Afinal de contas o Rangel de Lima tinha passado o dia todo a comer em casa do seu e nosso particular amigo Augusto Cesar Ferreira de Mesquita !



Os irmãos Pialrá

— Um d'estes irmãos, o que sustenta a percha, é um documento vivo da metempsychose ; sobre a transmigração das almas ainda podemos levantar as nossas duvidas, mas a respeito da dos corpos nem pio ! Quem não acreditar, que passe uma busca á troupe Chiesi, que esteve aqui na epoca passada, e verá que lhe falta o corpo do Pialrá.



O outro Pialrá, que trabalha nas argolas, executa seguidamente e em poucos minutos a bagatella de trinta e seis pranchas !

Se lhe dá para trabalhar um dia inteiro fica com mais pranchas em casa de que o Vieitas Costa tem na estância do Aterro...

Mr. Rudolph, o homem-flauta

—Imita com tal perfeição o canto matutino do rouxinol que, hontem á noite, julgando assistir a uma alvorada, pareceu-nos vêr oscillar o arvoredo dos bastidores, e tomámos pelo sol, quando se ergue ao levante, a careca do nosso collega Gervasio Lobato, que estava muito bem repimpado na palhinha do seu fauteuil!

As aguias humanas, pela familia Mayol

—É um trabalho perigosissimo, mas achamos ainda mais perigoso conservar aque'las aguias na companhia; uma bella noite papam o passarinho trigueiro de *mr. Rudolph*...

Renovina, l'avaleuse des sabres

—É uma verdadeira mulher d'armas; engole oito sabres d'uma assentada e, caso curioso, tira-os depois cá para fóra a um e um!

Engole tambem uma bengala, mas escolhe sempre a do Eduardo Coelho; se engulisse a do conselheiro Nasareth, sahia-lhe a ponteira pelos calcanhares, e ainda havia de ficar panno para mangas...

Prestidigitação e illusões por mr. Buatier de Kolta

—Este artista foi ao começo recebido com certa frieza pelo publico. A fallar verdade, isto de illusões não é coisa que desperte grande interesse no espirito da humanidade... Andamos todos fartos d'ellas, graças a Deus Nosso Senhor...

Já o dizia um poeta lamechas e semsaborão:

«Illusões quem as não teve?
Quem não sabe o que é amar?...

Afinal, as illusões de *mr. Kolta* são umas illusões muito apreciaveis: consistem em cada um encontrar mettidos em si objectos que não trouxera de casa, e que o presti-

digitador nos vae tirando amavelmente da algibeira.

Se o fisco procedesse d'esta fórma quando nos mette as mãos nos bolsos, era uma coisa bem agradável; mas, qual historia! o fisco ainda é mais habil que *mr. Kolta*—tira sem metter...

François, desenhador original

—É um artista que comprehende perfeitamente a situação avessa d'este paiz, onde os pretos pintam a branco e os brancos vendem carvão, e por isso desenha tudo de pernas para o ar. Se alguma vez fizer o retrato do sr. Fontes, pedimos que abra uma excepção em favor d'este estadista; se o desenha de cabeça para baixo escorre-lhe o suor pelo toitiço, e lá fica a pintura toda borrada de preto...

A troupe Osranis, melomanie

—Uns verdadeiros instrumentos com vida; em qualquer parte que se lhes toque produzem logo som! Não teem um musculo onde se não occulte uma gaitinha!

Se todo o bello sexo tivesse os seios como os de *mademoiselle Osranis*, a quantas scenas desgraçadissimas não andaria sujeito o sexo bruto...

Um dia, o anjo dulcissimo
Do nosso enlevo dilecto,
A amar-nos de igual affecto
Chegava emfim por seu turno!
E o *rendez-vous* emprasava-se
P'ra quando, sumida a lua,
Já não andasse na rua
Rondando o guarda nocturno.

O momento era propicio;
Na alcova dormia o outro...
—Dentro de nós, como um potro,
Dava coice o coração...
E o qu'rido amor murmurava,
Co'o sangue a arder-lhe nas veias...
—Sobe em palmilhas de meias,
Entra de botas na mão...

Eis-nos sósinhos os dois
Em ternas bichinhas gatas...
Lá na cosinha as baratas
Dão volta ao barril do lixo...
Brotam perfumes suaves
Das alvas rendas do leito...
—Quero cingir-te ao meu peito...
.....
N'isto tocava o cochicho!...



PAN.



FAMILIA MEYOR

A M.elle ELISE, A BALA HUMANA

Ó gentil *bala* elegante,
Por quem eu fizera as malas:
Quem me déra n'este instante
Ser o Costa *Traga-balas*!

O coração se me arromba
E vae bater nas costellas,
Quando saes ao som da bomba
Ó *bala* bella entre as *bellas*!

N'um cerebral desarranjo
Todo o craneo me horripilas,
Quando, sem azas d'um anjo,
No espaço, ó *bala*, *sibilas*...

Quando tu saes do canhão,
Velhotes e rapazolas,
A todos, sem distincção,
Ó *bala* voltas as *bolas*.

.....
Eu, miseravel, sem *parne*,
Sinto a mais negra das *gulas*:
— Comer *balinhas* de carne
Sem dependencia de *bullas*...

PAN.



QUÓ MI SOL DO

PHILIP BORDALLO PINHEIRO